

dossiê 68 (coletânea)*

em maio... ocupe o que quiser

Serge nasceu no campo e tem orgulho disso. Em 1968, jovem recém-diplomado, ele é engenheiro-eletrônico em Sud-Aviation. Aberto ao mundo, aberto aos outros, era normal que Maio de 68 mudasse sua vida! Da ocupação de seu laboratório ao encontro com os anarquistas, ele nos conta aqui seu itinerário. Infelizmente resumido...

Fui criado na região da Creuse até os cinco anos. Sempre conservei minhas raízes, e herdei a velha tradição dos “pedreiros da Creuse”; antimilitaristas e anticlericais.

Segui uma formação de engenheiro eletrônico e, em janeiro de 1967, comecei a trabalhar em Sud-Aviation Suresnes, num laboratório onde o ambiente era jovem e aberto.

Como você viveu Maio de 68?

Eu tinha 25 anos, e como camponês desconfiado, queria ver um pouco mais, antes de me comprometer sin-

* “Maio de 68, por eles mesmo. O Movimento de Floreal, ano 176.” Textos e depoimentos recolhidos por: Chroniques syndicales; Femmes libres (Radio-Libertaire); grupo Pierre-Besnard da Fédération Anarchiste.

dicalmente. A C.G.T.¹ era a mais implantada, principalmente nas oficinas, a C.F.D.T. estava um pouco presente nos laboratórios.

Desde as primeiras manifestações, eu ficava escutando o rádio, mas também ia ao local dos acontecimentos. Senti intensamente o impacto do “Movimento de 22 de março” e de Cohn-Bendit que personificava o humor, a gozação; lembro de uma discussão quando “responsáveis” perguntavam-lhe suas reivindicações e ele respondia: “Nós, nós estamos mudando a sociedade...”

Como a greve foi desencadeada em Suresnes?

Alguns dias antes, a primeira fábrica ocupada era Sud-Aviation Nantes. Numa manhã, um colega mostrou-me o estacionamento da direção: os carrões tinham desaparecido! Eles devem ter sido avisados, pois foi o dia em que decidimos ocupar; houve um voto por setor, foi realmente um engajamento, pois em meu serviço votamos na presença dos chefes! Entre 1200 assalariados, houve 70% a favor da ocupação, 20% por uma greve sem ocupação, 10% contra.

Já nessa noite, com Gilbert — meu “alter-ego” — fomos para lá com nossos sacos de dormir; na entrada, havia jovens da oficina com echarpes vermelhas, ao todo 500 ou 600 pessoas na fábrica, era como um outro planeta...

Como se viveu a ocupação?

A média de idade era baixa, 30 a 35 anos e havia um bom entendimento entre os jovens operários e os estudantes; de fato, muitos, cada um em seu canto, pensavam que as coisas iam mal, mas foram tomados pela onda, e perceberam que isso ia juntando gente...

Um comitê de greve foi constituído com a C.G.T., a C.F.D.T. e um “inorganizado” que se tornou porta-voz dos não-sindicalizados, a grande maioria — a C.G.T. tinha 60 associados, a C.F.D.T. 15. Em assembleia geral foi proposta a criação de uma comissão de informação para termos notícias do exterior; a C.G.T. teria preferido que nos contentássemos em “tomar conta” da fábrica, que pegássemos as vassouras e limpássemos as máquinas...

Acabamos em várias dezenas na comissão, trazíamos depoimentos diretos da Sorbonne, das barricadas, das empresas ocupadas, do comitê de ação local e mostrávamos paralelamente o que era dito nas rádios e na imprensa: Bastava pregar lado a lado *L'Humanité* et *Combat*², era explosivo! Não havia chefes, e repartíamos coletivamente as atividades.

A relação de vocês com a C.G.T?

Tínhamos impressão de estar mudando a vida, e a atitude do P.C.F. condenando o movimento, fez que a comissão se desenvolvesse e se tornasse o pólo de oposição à C.G.T. Houve choques quando chamamos pessoas de fora: o S.N.E.S.U.P. e principalmente um historiador do movimento operário que, diante de uma grande plateia, desvelou uma realidade diferente daquela vista pela direita e pelo P.C.F.

Vocês estavam vivendo em um outro planeta, mas o que chegou a ser concretizado?

Estávamos vivendo de modo diferente, andávamos de bicicleta, dormíamos na fábrica — eu, em cima da escrivaninha do chefe — falávamos e fazíamos o que nos interessava.

Logo notamos as manobras das organizações políticas e sindicais e buscávamos vínculos horizontais com as outras empresas ocupadas. Eu acreditava que a informação cumpria um papel essencial, e mantinha contato com os grevistas da O.R.T.F.; *Combat, Action*.³ Enquanto nas outras fábricas as iniciativas permaneceram individuais, a comissão permitiu organizá-las e divulgá-las.

Estávamos com Cohn-Bendit quando ele falava de coordenação das lutas, de revolução social; todos os elementos da vida foram questionados: as relações entre as pessoas, entre os homens e mulheres, relações no trabalho...

No seio mesmo do movimento, houve manipulações?

Como éramos jovens, desorganizados, ativos, “interessamos” muita gente. Um militante da A.J.S., aplicando a palavra de ordem deles, “*Assemblée dos trabalhadores de...*”, reuniu Gilberto, eu e...ele, como se fôssemos toda a cidade de Suresnes!

No comitê de ação, os militantes da J.C.R. propunham a adoção de textos que no dia seguinte encontrávamos no *Rouge*! Manobras desse tipo ajudam muito na formação!

Para muitos aconteceu uma politização rápida, ou seja, a capacidade de compreender o que se passa em si mesmo e de relacionar isso com a sociedade em que se vive, e isso é um enorme “investimento” ainda hoje. Mas tínhamos diante de nós as instituições, as manobras do P.C.F., do P.S., dos esquerdistas.

Como foi a retomada?

Ao final de quatro semanas, a C.G.T. disse que era preciso retomar o trabalho, que éramos o único estabe-

lecimento de Sud-Aviation que continuava a greve. Mas na noite anterior, ligaram para todos e sabíamos que ela dizia a mesma coisa em outros estabelecimentos!⁴ Fizemos uma intervenção na assembléia geral e a greve continuou por mais uma semana. Não era possível ir mais longe, não estávamos suficientemente organizados e, na época, o P.C.F. era forte nacionalmente.

Na segunda-feira, vimos a volta das “tristes figuras”, sobretudo os executivos; apenas alguns jovens engenheiros participaram da ocupação, e eu lembro da reunião no dia em que desencadeamos a greve, tinha um que chorava: “Mas o que vai acontecer com meu hidróptero?” era surrealista!

Estávamos decepcionados, mas não desesperados, as coisas não podiam voltar a ser o que eram antes...

Em torno do núcleo da comissão de informação, foi constituído o C.L.E.O. com os maoistas que conhecíamos, que durou algumas semanas, até que percebemos que eles estavam tentando fazer panfletos em nosso lugar!

Para evitar que cada um voltasse para seu canto, decidimos nos organizar sindicalmente, e escolhemos a C.F.D.T. porque ela tinha nos traído menos, e também, porque eles eram apenas 15 na seção, enquanto nós aderíamos em uma centena...

Quais foram os grandes momentos para você depois de 1968?

Nós nos interessávamos por tudo: a ecologia, o cultural, as escolas alternativas, a vida comunitária... e depois havia *Charlie-Hebdo*⁵ que reunia tudo isso.

A comissão continuou por vários anos, sempre na perspectiva de desenvolver o espírito crítico: aberta a todos,

semanalmente publicávamos uma revista temática de imprensa para mostrar as deformações nos jornais.

E participei do grupo ecológico “Sobreviver e Viver” em torno de uma revista e uma cooperativa de alimentação; haviam repintado um velho carro funerário, e íamos com ele nos fins de semana comprar legumes orgânicos dos camponeses.

Descobri Reich, “*A Revolução sexual*, e o movimento *Sexpol*,⁶ foi um choque para mim analisar de perto a ligação entre o que acontecia comigo e as restrições sociais ao meu redor. As couraças não explodiram todas em 1968, mas não se aceitavam mais as mesmas relações entre as pessoas, entre os homens e as mulheres, e para mim isso permanece até hoje.

Devido a quais encontros você se tornou anarquista?

Em 1968, descobri o anarquismo pela aparição de bandeiras negras, preto e vermelho, cada vez mais numerosas.

Fui muito influenciado pela personalidade de André, um operário anarquista de minha fábrica conhecido em maio, e também pela leitura de *O anarquismo* de Daniel Guérin. Tudo isso correspondia ao que eu próprio sentia.

E depois, certo dia, li um panfleto que dizia: “68 foi um movimento de caráter libertário, mas houve uma falta de organização no mundo do trabalho nesse plano...”; fui a uma reunião e aderi à Aliança sindicalista.⁷

Qual evolução em seu trabalho?

Depois de maio de 68, sempre me recusei ocupar uma situação hierárquica, de autoridade: eu não queria de-

finir os aumentos de salário — ou então, iguais, para todos — nem fazer reinar a disciplina.

Em vários serviços, elegeram pessoas para anotar os aumentos individuais (cada um mostrava seu holerite) e intervínhamos se alguém também não fosse aumentado na sua vez; isso quebrava as divisões entre nós.

No plano sindical, senti que o interprofissional era um meio de abordar todos os problemas: nas uniões locais, na união departamental 92, participávamos das manifestações anti-nucleares, do Larzac, de Lip: fazíamos intervenções antimilitaristas; fotografávamos, fazíamos vídeos... Havia muitas adesões, e em congresso na U.D., as posições sindicalistas revolucionárias agrupavam 70% dos mandatos, as bandeiras pretas e vermelhas estavam presentes em nossas passeatas...

A seguir, fui transferido para as Yvelines: não era o mesmo tipo de militantes e a C.F.D.T. estava começando a “fazer a faxina”: exclusões da U.L. 8º e 9º em Paris, da U.D. Gironda, por toda parte onde havia anarco-sindicalistas. A repressão e o centralismo da confederação eram facilitados pelas práticas fraccionistas de certos esquerdistas, muito mal recebidas pelos associados.

O que sobrou de maio de 68?

Em 1968, tomei consciência de que não estava na terra para viver num “vale de lágrimas”; um indivíduo que começa a viver diferentemente carrega isso sempre consigo; minhas relações com uma companheira, com amigos, com minha filha trazem essa marca; tento fazê-la ser capaz de analisar o que acontece com ela, conseguir escolher, agir. Na realidade, ***a História é feita a partir do que acontece na pele das pessoas, que se revela, por ocasião desses acontecimentos.***

De fato, aqueles que hoje se tornaram donos de jornais — por exemplo — estiveram no “centro do palco” em 1968, mas serviram-se do movimento para conseguir um lugar na sociedade, não para mudá-la.

Sei que é possível viver de outro modo, é isso que é subversivo e representa uma incrível bomba relógio!

A sociedade atual, absurda e louca, só sobrevive porque uma maioria a aceita, pensando que não existe outra possível. Cabe a nós mostrar através de nossas histórias, de *nossa história*, que isso é falso e que é possível agir para sair do “gulag brando” dessa democracia onde o capitalismo quer nos restringir a reclamar e votar.

Fazer evoluir as mentalidades é o papel essencial dos indivíduos e das organizações para preparar uma mudança de sociedade.

* * *

a paixão da destruição é a paixão criadora⁸

Para quem durante toda sua vida militou para que o movimento libertário se dotasse de meios de propaganda sérios e duráveis, o lado lúdico de Maio de 68 pode parecer irritante. Era essa, de fato, a reação visceral da classe operária francesa, reticente num primeiro tempo aos transbordamentos estudantis. No que se refere ao movimento libertário, vinte anos depois, é possível fazer as contas e reafirmar com Maurice Joyeux a atualidade do anarquismo!

Na sua opinião, quando se inicia o movimento de Maio de 68? Em Nantes ou bem antes, Sud-Aviation-Nantes?

O movimento de Maio de 68 é o resultado de uma situação particular: a da guerra de 1939 que levou à derrota do exército francês e à fragmentação das populações que se dispersaram um pouco em todo o país.

Um certo número de jovens organizaram-se na Resistência, tomando gosto pela liberdade. Na Liberação, eles se organizaram à margem das organizações políticas, através do J.O.C., das organizações que não tinham um caráter abertamente político, cujo caráter revoltado era de longe superior ao caráter de organização teórica. Essa juventude, após 25 ou 30 anos, permaneceu longe dos partidos: tanto o partido comunista como o partido socialista não tiveram juventudes verdadeiras em 1950-55.

Depois sobreveio um outro elemento: a guerra da Argélia... Mas também foi uma época durante a qual se desenvolveram as universidades, onde o saber apareceu como essencial para o desenvolvimento do país e da civilização. Havia as universidades clássicas, em que os jovens de “bem” vinham aprender coisas que eram do “bem”. E outras, construídas rapidamente, como Nanterre ou Vincennes, nas quais se precipitaram um certo número de jovens revoltados, saídos da onda dos anos 40: uma juventude com vontade de saber, mas não de saber qualquer coisa, não de saber obrigatoriamente o que queriam impor os professores clássicos, mas de saber o que eram a vida e o conhecimento da vida. É esse estado de espírito que vai explodir em 1968!

Esse espírito de revolta habita somente a juventude estudantil ou também a juventude operária?

A revolta não habitava muito a juventude operária, que foi arrastada. Eu conheci bem essa juventude operária pois eu era um militante sindicalista. É claro que

em Sud-Aviation, na região de Nantes, os jovens tomaram em mãos seu destino; mas na Renault eles fizeram barricadas para impedir a vinda dos estudantes.

De fato, a explosão de Maio de 68 vem da juventude universitária, menos ou não aquartelada pelo partido comunista ou por outros partidos que se declaravam marxistas.

Eu tinha acabado de voltar da Romênia e percebi o caráter que essa revolta estava assumindo: ela era encabeçada pelo grupo de Nanterre, que desempenhou um papel considerável. Eu participei da constituição do grupo anarquista de Nanterre, a partir de dois ou três anarquistas. Era um grupo como cem outros na França. E a esse grupo se juntaram estudantes que não eram teóricos, que tomavam da anarquia o que lhes aprazia, o que lhes parecia interessante no momento, e faziam isso também com o marxismo, e que faziam essa salada que conhecemos ao redor do grupo de Nanterre, como Cohn-Bendit.

A Federação anarquista estava organizando seu espetáculo anual, na *Mutualité*: a sala estava lotada. Léo Ferré cantava. Na véspera tinha acontecido aquele massacre, aquele sujeito gravemente ferido, então os estudantes vieram nos “seduzir”, eles estavam passando diante da *Mutualité* para ir até a rua Gay-Lussac. No fim de nosso encontro, nós nos juntamos a eles.

Antes de voltar a essa noite das barricadas, no *Quartier Latin*, você pode nos descrever como foi que as coisas partiram de Nanterre?

Eu tinha assistido pouco tempo antes, com o pessoal de Nanterre, a uma reunião aqui no meu bairro. E percebemos o estado de espírito que existia: a vontade de lutar. Vendo-os gozadores, briguentos, com um espírito

que não queria deixá-los até a manhã, nunca compreendi melhor as páginas de Victor Hugo em *Os Miseráveis*, quando ele fala das manifestações dos maltrapilhos diante de Notre-Dame de Paris.

Com amigos, eu os observava nas barricadas, como eles “atiravam” nos policiais, como eles escapavam correndo — eles eram jovens e corriam depressa — como eles remontavam uma barricada. Era para mim, militante revolucionário, algo incompreensível: era um efeito de brincadeira, de vontade de fazer alguma coisa, a vontade de infernizar papai e mamãe, o professor, etc., e os governantes.

Eles tinham aquilo que eles deveriam ter continuado a ter, essa vontade de recusar qualquer contato com os ministérios: estes se agitavam, eram obrigados a mandar a polícia, mas não tinham autoridade para discutir com esses jovens, que provavelmente não sabiam o que queriam, a não ser detonar os policiais, xingar os burgueses, pegar na bunda das meninas e produzir esse grande estardalhaço revolucionário que todos temos no coração.

Lembro da grande manifestação organizada à noite depois de Charléty, que começou na Estação do Leste e terminou em Denfert-Rochereau. Eu pertencia à extrema esquerda dos militantes da F.O. Tínhamos reunido, em Paris, todos os militantes que conhecíamos, e a passeata devia passar diante do sindicato. Tínhamos nos colocado na frente, tínhamos sido bastante xingados, nos mandavam dar o fora, mas nós não queríamos e conduzimos a passeata com uma bandeira negra. Mesmo Cohn-Bendit dizia que devíamos ir para trás. Então, esses espertinhos deixaram uma passagem de 50 metros entre nosso grupo de 500 a 1000 sujeitos e eles. Todos os que estavam nas calçadas e não conseguiam entrar na passeata, penetraram nesse espaço, inchando consideravelmente nosso grupo...

Como aconteceu a junção ou a não-junção entre essa juventude estudantil revoltada e os operários?

Os operários sindicalistas estavam um pouco assustados com sua progenitura. Eu me revejo no pátio da *Force Ouvrière* onde os amigos batiam no meu ombro e me diziam: “E então, Maurice, você vai até a Sorbonne? Então, dê uma olhada se meu filho não está por lá, e diz para ele ir um pouco para casa”. Andei um tanto pelo *Quartier Latin* para recolher um certo número de carinhas desse gênero.

No *Quartier Latin*, quando a Sorbonne foi ocupada, nós todos, os *anarcas*, ocupamos uma ala da rua Saint-Jacques. Tínhamos retirado todos os livros da livraria da rua Ternaux e a tínhamos instalado numa sala da Sorbonne; vendemos todos os nossos encalhes. Ficamos lá até o último dia. E quando os policiais quiseram botar fogo no pátio da Sorbonne, telefonei a Bergeron que era meu amigo e que continuou sendo; “Se não quiser ser obrigado a me enterrar com um grande cortejo amanhã de manhã, você precisa dar um jeito nisso!” Bergeron interveio e os policiais foram retirados.

Em Grenelle, as organizações sindicais assinam. Como os trabalhadores reagiram?

Os Acordos de Grenelle foram algo de maravilhoso e de feio ao mesmo tempo. No primeiro acordo, os operários, as assembléias gerais de trabalhadores recusaram e Pompidou foi obrigado a negociar um acordo mais favorável. As organizações sindicais tinham tendência a ceder rapidamente, mas não os operários. Assim, eles conseguiram obter uma cota não exatamente desejada, mas superior à que lhes tinha sido oferecida. Foi uma

vitória: não porque ganhamos recusando 5 ou 6 centavos a mais por hora, mas porque dissemos não. É importante aprender a dizer não.

Os sindicalistas venderam barato Maio de 68 pelo quantitativo, ou seja, um pouquinho mais de dinheiro no fim do mês, enquanto havia reivindicações dos trabalhadores e até mesmo dos estudantes em relação ao qualitativo: trabalhar de outra maneira, não ser injuriado no local de trabalho, viver melhor...

É verdade. Para os sindicalistas, mas também para os trabalhadores, ter 15 centavos a mais por hora pode parecer uma vitória, um mal menor. Uma greve, por mais útil que seja, não pode acabar de outra forma. Não é uma greve que deve ser feita, mas a revolução social.

Você pensa que Maio de 68 foi um dos momentos do despertar do movimento libertário?

Sim, o movimento libertário apareceu com seriedade em Maio de 68. Ele não se deixou conduzir por todos esses moleques que eram anarquistas de coração mas que se preparavam para se tornar “bons” burgueses. Nas fábricas, esses tomaram o lugar do papai. Mas resta um certo número de pessoas que serão a próxima armadura do movimento libertário.

O movimento libertário, Proudhon tinha razão, é um movimento revolucionário. Ele deve mudar a economia, as relações entre os homens, ele deve dar um caráter de igualdade a todas as profissões para que a classe dirigente desapareça.

Maio de 68, um grande estardalhaço, mas também grandes mudanças...

O que mudou, o que se mexeu, foi a juventude, com a vontade de não se aquartelar em partidos fechados. Não rejeitar os partidos, mas pegar em cada um deles ou em cada ideologia o detalhe que agrada e que se acrescenta ao resto. O que mudou também, é que há metade da nossa juventude que não sabe o que vai viver. Uma metade que passou nas “boas” escolas e que tem diante dela um futuro que parece maravilhoso. E a outra que, no fim dos estudos, vai acabar como ajudante geral numa oficina.

O que mudou, foi o comportamento dos homens. Primeiro, nas relações entre eles, depois com suas mulheres e seus filhos.

Economicamente, uma outra relação mudou. Perdemos os comportamentos dos ofícios clássicos que traçavam a posição dos homens. Um serralheiro podia tornar-se um ajustador, depois um instrumentador. Hoje, não temos mais profissões bem demarcadas.

Quando Franco morreu, o movimento libertário reapareceu muito rapidamente na Espanha. Fui à grande manifestação em Barcelona para representar a Federação Anarquista. Cohn-Bendit também estava lá e eu lhe disse: “E então, o que você está fazendo aqui? Você não é mais anarca.” “Como assim!” e ele fez um discurso e eu fiz outro para rebatê-lo depois. Antes de partir, na mesma noite, ele me diz: “Sabe, Maurice, você também vai se tornar alguém como eu” “Eu nunca vou me tornar alguém como você”, e eu nunca me tornei alguém como ele.

Com exceção disso, não sou um mau rapaz. Mas eu, que sou pouco conhecido, fui menos aplaudido que ele. Assim caminha a vida!

palavra de mulher

Anne ZELINSKI “nasceu de verdade em 1968”. De “Féminin-Masculin à venir”, grupo feminista de antes de maio, à criação do Centro Flora Tristán em Châtillon, passando pelo M.L.A.C., temos aqui o itinerário de uma mulher em movimento.

Maio de 68, para mim, evoca algo de muito positivo, que continua. Faço questão de dizer isso, porque é o contrário do que falam muitas pessoas comuns e mesmo muitas que viveram 68, para as quais é como se fosse a pré-história. Ao passo que, para mim, Maio de 68 teve prolongamentos não apenas em minha vida pessoal, na minha vida militante, mas no meio social. Eu vivi 68 no mais absoluto entusiasmo. Digo sempre que foi só em 68 que nasci de verdade. Nasci nesse momento porque entendi imediatamente que era aquilo que eu estava esperando desde sempre, mesmo sem saber.

Devo dizer que antes de 68 eu não estava de forma alguma engajada em qualquer movimento político, exceto o feminismo que é meu único engajamento de sempre. Assim, 68 foi um engajamento político no sentido amplo do termo, pois correspondeu às minhas mais profundas aspirações.

Junto com uma amiga, tínhamos constituído, em 1967, um pequeno grupo feminista que se chamava “Féminin-Masculin à venir”, e que era misto.

Portanto, já era pré-maio. Então, quando maio chegou, eu estava lá com minha amiga, a gente andava pela Sorbonne o tempo todo, respirávamos aquele ar, mergulhadas naquela atmosfera. Já há 15 dias, a re-

volução tinha sido “feita” e... não se dizia nada sobre as mulheres naquilo tudo. Então, junto com minha amiga, escrevi meu primeiro livro *Théorie du M.L.F.*, estávamos sentadas nos degraus da Sorbonne e nos dizíamos: “Tudo isso é formidável, mas não se diz nada sobre as mulheres. E se a gente fizesse alguma coisa pelas mulheres?” Dito e feito. Primeiro, pegamos papel e colamos pelas paredes frases de autores conhecidos, como Fourier, sobre as mulheres. Depois, subimos até a sala das reservas e dissemos ao cabeludo de plantão: “E então, não há debates sobre as mulheres?” Ele nos respondeu: “Mas isso é formidável! Organizem um debate! Que título vocês querem colocar?” “As mulheres e a revolução! Por que não?” “Certo, O.K., que dia vocês querem que eu marque?” Reservamos o anfiteatro Descartes e organizamos o “primeiro” debate sobre as mulheres e a revolução.

O anfiteatro lotou. Ficamos em baixo no estrado, ali onde os professores ficam. Dávamos as mãos sobre o catafalco e estávamos totalmente surpresas de ver tanta gente. Tinha muita gente ainda do lado de fora do anfiteatro. Fizemos nossa pequena intervenção. Rapidamente tudo transbordou: as pessoas começaram a falar. E depois, tínhamos um caderno, e pedimos que as pessoas se inscrevessem em nossa associação. A coisa não parava, muitas pessoas queriam se inscrever. Logo em seguida, constituímos grupos de trabalho. Nossa associação ampliou-se alguns meses depois.

Depois, organizamos dois outros debates em maio. Daí tudo se tornou mais oficial. Houve um com Halimi⁹ — uma verdadeira estrela! — o outro com Sullerot.¹⁰ Mas era menos espontâneo, menos dinâmico, porque elas monopolizavam a palavra. Atualmente, isso me incomoda, pois novamente as pessoas tomam a palavra e não a cedem a mais ninguém. Maio de 68 nos deu lições muito preciosas que devemos conservar e com as quais devemos prosseguir.

Penso que é a descoberta do outro, da comunicação, o respeito pelo outro... ou a tentativa de deixar intervir... Tudo estava maduro para que as mulheres se tomassem nas mãos?

Sim, cabia a nós fazê-lo. O que sobreviveu, o melhor de 68 é o movimento das mulheres. Não somente ele lhe deu um enorme impulso, mas no pós-68, o que mais agiu sobre a sociedade atual? São as feministas.

Com a batalha pela contracepção, pelo aborto, com todas essas lutas...

Também com a explosão da família. São incontáveis as ressonâncias de Maio e do feminismo no comportamento atual.

Você participou do M.L.A.C.?

Nosso pequeno grupo continuou até 1970. Realizamos uma grande pesquisa sobre a sexualidade em Vincennes. Estávamos sempre prontas a reagir, publicávamos cartas. É evidente que o período não era favorável. Até em 1970, houve um vazio. E em 1970, o movimento das mulheres constituiu-se a partir da reunião dos pequenos grupos esparsos. Pedimos aos homens que fossem embora de nosso grupo que era misto. E foi então que se constituiu o famoso M.L.F. Participo intensamente dele há vinte anos.

Minhas principais atividades foram a batalha pelo aborto, antes do M.L.A.C.: o M.L.A.C. já é resultado de um certo processo. Participei da organização do Manifesto das 343.¹¹ A seguir organizei as jornadas da *Mutualité* em 1972, que foi a primeira manifestação feminista.

O feminismo permitiu que eu descobrisse tudo. O Manifesto, era a primeira vez na minha vida que eu trabalhava para preparar um manifesto. Uma manifestação, como na Mutu, como a chamamos, era a primeira vez na minha vida. Depois, o primeiro livro que escrevi, era também a primeira vez que eu escrevia um livro, etc. O amor pelas mulheres, foi também uma descoberta. Tudo isso era insuspeitável antes de 68. Então, é impossível dizer tudo que ele me trouxe de positivo. Mas isso também foi acompanhado de muitos abalos interiores, de destruições.

E de reestruturações, num segundo tempo...

Com a psicanálise. Senão as coisas não teriam corrido bem.

Maiο de 68 foi também muito importante para a psicanálise, em Vincennes... E depois?

Há vinte anos, nunca parei com esse surto revolucionário, a palavra não é forte demais, com períodos de regressão, de recolhimento.

Hoje, concretamente, vinte anos depois, talvez seja cada vez mais difícil. De qualquer forma, é evidente que somos carregados pela história. E quando a história é mole, temos a tendência a sermos moles também. Então, é preciso se mobilizar cada vez mais para continuar, apesar de tudo, a passar idéias e principalmente a agir.

Ou seja, temos dificuldade de passá-las na medida em que não há lugares para fazê-las passar.

Quem encontramos sempre, são as pessoas próximas. E finalmente, será que é preciso ser 150 para fazermos

coisas? Pois no fundo nós fascinamos as pessoas, mesmo que seja muito mais fácil se dizer que somos um bando de grandes sonhadores. É preciso dizer que as pessoas afirmam isso, eles que renunciaram a todos os seus sonhos. Somos ao mesmo tempo alvo de fascinação e repulsa.

Porque nós lhes damos má consciência.

Sim, e porque ao mesmo tempo, como há essa convicção que conservei, eu arrasto as pessoas, minha convicção arrasta. E também um certo respeito por aqueles que permanecem fiéis a suas idéias, por aqueles que não renegaram.

Criamos um primeiro refúgio para as mulheres vítimas de violência física em 1978, graças também a meus esforços. No início peguei o trem andando, mas desde 1980, permiti que esse centro continuasse vivo. Graças a Roudy, pude comprar uma casa, depois íamos ser expulsas, e agora estamos instaladas muito confortavelmente em Châtillon-sous-Bagneux. Portanto, temos uma estrutura que é herdeira, direta, visível, identificável.

Por outro lado, meus projetos são de prosseguir nessa ação por meio de uma associação que vai criar um lugar de escuta para os homens violentos. Então, eu continuo. Aliás, eu luto bastante contra a pornografia que considero degradante para a mulher e também para o homem. Continuo o combate feminista de Maio de 68, porque isso vai na mesma via, lutando contra a invasão da pornografia e trabalhando na abertura desse lugar para acolher os homens violentos.

A pornografia é uma maneira perversa de se recuperar uma pseudo-liberação sexual. Muitas mulheres não tomam consciência disso.

Sim, infelizmente. E os meios de esquerda são pouquíssimo abertos à compreensão disso. Temos muito a fazer com relação à pornografia. De fato, nós nos lançamos contra o pessoal de esquerda, contra os lobbies industriais, contra o Estado que, com os tele-sexos, consegue lucros incríveis! Com os anarquistas, não há nenhum problema. São meus vizinhos. São meus próximos.

Também nisso sou perfeitamente herdeira de 68, pois não estou lutando somente pelos outros, mas também por mim. Sinto prazer em fazer tudo isso. Para mim, lutar, não é um negócio de freiras, é inerente à vida. **Se a gente não lutar, e aceitar tudo isso, é melhor morrer de uma vez.**

Também haveria coisas a dizer sobre os desvios — esperemos que pontuais — do espírito de Maio: esse mito da igualdade, hoje, que consiste para as mulheres em imitar o que os homens fazem, em vez de inventar um outro mundo.

Estou sempre na expectativa de viver de uma outra maneira. Não me satisfaço nem um segundo com aquilo que existe. A realidade é inaceitável.

* * *

da revolta à revolução

Da revolta “potencial” que o conduziu à prisão, Jacques conta como, saindo da central de Caen, ele percebeu e depois viveu 68 através de todos os movimentos específicos

que estouraram nos anos 70, período privilegiado para liberar as consciências daquelas e daqueles que, como ele, foram excluídos e marginalizados.

Em 1968, eu estava na prisão. Estava lá há 10 anos. Os jornais eram censurados. Para nós, os detentos, era a Revolução e aquilo representava a ameaça de não mais comer se os carcereiros entrassem em greve! Pensávamos que iríamos ficar presos nas celas sem parlatório e que iríamos morrer de fome.

Então eu pensava em fugir. Estava cumprindo o fim de minha pena. Com companheiros, tínhamos planejado uma fuga caso os carcereiros nos deixassem morrer nas celas. Depois soubemos com muita surpresa que a Revolução tinha terminado; ela não tinha mudado nada para nós, exceto que para mim a liberdade condicional tinha sido adiada em alguns meses. Eu só ia poder sair em outubro. Maio de 68, eu passei ao largo, não entendi nada.

E quando você saiu, em outubro, o que você fez?

Em Caen, os estudantes fizeram um pequeno *feedback* em novembro ou outubro de 68: eles arrancaram os paralelepípedos, fizeram barricadas, a coisa durou algumas semanas. Daí, consegui ter alguma idéia sobre os acontecimentos do mês de maio; principalmente vendo as pixações nas paredes da faculdade, do tipo: “Trep com minha irmã”, fiquei estupefato!!! Achei aquilo formidável. Como eu estava em liberdade condicional, não fui até o local dos confrontos, porque correria o risco de ser pego. Eu olhava tudo aquilo ao mesmo tempo com revolta e encantamento. Percebi que tinham me escamoteado 68.

Como você percebeu maio? Por meio dos jornais? Do rádio? Como as informações chegavam na prisão?

Não havia nenhum jornal a não ser revistas estúpidas como *Paris-Match*, *Radar*, ou *Detéctive*. Quando havia informações sobre os acontecimentos, mesmo nessas revistas, tudo era confiscado. Então, não sabíamos nada, a não ser os rumores que ouvíamos no parlatório. Os carcereiros diziam: “As coisas estão quentes lá fora, estão detonando tudo!” Para mim, eu percebia os acontecimentos como a Revolução de Outubro ou de 1789. É por isso que tínhamos medo que os carcereiros entrassem em greve e nos deixassem morrer de fome.

Além disso, eu não sabia nem o que estava em jogo, nem quem eram os protagonistas. Só escutávamos rádio pelos alto-falantes da prisão. Só nos deixavam ouvir programas idiotas.

Você pode nos descrever o ambiente nas prisões nesse período? Quais eram as relações entre as pessoas?

Tenho impressão de que toda encarnação dessa época corresponde aos Q.H.S. destes dez últimos anos. Houve tal evolução que não reconheço mais a prisão de hoje em comparação ao que ela era em 68. Apenas o fato de ter retornado a ela em 1976, mostrou-me uma grande transformação: havia rádio, jornais, cassetes. Comíamos quase como freiras!!! Antes, era nojento. A prisão era radicalmente destrutiva. As únicas informações chegavam com os companheiros do parlatório.

Se colocarmos a questão: “politicamente, o que estava acontecendo? A resposta é *nada*. Quando havia revoltas, afastavam todos os que tinham encabeçado os movimentos e feito reivindicações, eles eram jogados na

solitária, isso era tudo. Era impossível haver discursos ou análises políticas porque éramos simplesmente apolíticos. A revolta era visceral. Foi um pouco por isso que no rastro de Marcuse começamos a dizer que todos os delinqüentes eram “revolucionários potenciais”. Após 68, alguns prisioneiros, por volta de 5%, tornaram-se revolucionários, marxistas ou libertários, mas nem todos os prisioneiros tornaram-se políticos!

Na época, você estava entre os 5%?

Até 70-71, não. Comecei a sacar que no G.I.P. tentavam aplicar as idéias de maio de 68, especialmente: abolição da prisão. Entendi rápido que isso não bastava. Juntei-me ao Grupo Informação Asilo (G.I.A.) dizendo-me que para suprimir as prisões era necessário mudar todo o sistema. Foi então que comecei a passar por minhas tomadas de consciência, uma por uma! Demorou bastante!

Foi então que você descobriu que o que você estava vivendo em 1970 tinha uma ligação direta com o 68 que tinham te escamoteado?

Sim, foi por isso que quis encontrar Geismar e outros intelectuais. Queria recuperar o tempo perdido em prisão. Eu corria atrás das garotas como um demente, eu corria por toda parte. Assim que um grupo ou pessoas criavam um acontecimento, eu me atirava no lance para lutar contra aquilo que tinha me destruído, contra aquilo que tinha destruído meu irmão. Eu ia em todos os grupos da época: G.I.A., M.L.F., G.L.H., F.H.A.R., depois houve a criação do Comitê de Ação dos Prisioneiros (C.A.P.). Em 1974, todos esses grupos tiveram a idéia

de se reagrupar para formar a Federação de Luta das Ações Marginais. De fato, o projeto capotou devido aos conflitos entre os líderes. Mas foi possível se coordenar para ações pontuais: por exemplo, quando um deficiente foi espancado pelos meganhas: ***a cada vez soava o apelo e os intelectuais chegavam de todos os lados; Foucault, Mauriac, Cooper e Cia. Isso criava um grande estardalhaço de movimentos, que nos fazia acreditar que a revolução continuava.***

Você pensa que esse período permitiu aos indivíduos que constituíam esses grupos de evoluir para além da marginalidade?

Sim! Sim! Vi caras que saíam da psiquiatria ou da cana tornarem-se pessoas conscientes politicamente juntando-se às lutas desses grupos específicos. Agora, eles estão dispersos, mas são pessoas que hoje não estão mais na recuperação individual ou no discurso da economia capitalista. Eles são críticos com relação à atualidade.

Foi também o que aconteceu comigo. Eu me dizia “anarco”, mas na época eu poderia tanto ir colocar uma bomba quanto juntar-me a um grupo comunista ou libertário! À medida que aconteciam lutas, ações, redação de panfletos, colocação de cartazes, enfrentamentos com os policiais nas manifestações, eu começava a compreender, lentamente.

Em nossa comunidade de *Marge*, havia pessoas que tinham saído de hospitais psiquiátricos, outras que tinham saído da prisão, havia transexuais, drogados, pessoas que trabalhavam e outras que cultivavam o jardim e todas elas se misturavam, e bem! Penso que todas as pessoas que tiveram sorte de fazer parte do grupo aproveitaram algo.

Quais relações vocês tinham com as estruturas políticas tradicionais como os sindicatos, partidos?

Nós os denunciávamos todos! Todos os partidos eram complexados do sistema. Os sindicalistas que encontramos em ações pontuais não pareciam sérios. O que nos chocou muito foi o fato de que os sindicatos de enfermeiros, psicólogos, ou médicos reivindicavam a melhoria das condições de trabalho, mas nunca pediram, por exemplo, o aumento do pecúlio para os psiquiatrizados. Para nós, as lutas sindicais não eram lutas revolucionárias.

Vocês tinham contatos com pessoas que estavam em situação de responsabilidade?

Fomos a Trieste para nos confrontar com a *Psichiatrica Democrática*, com a Federação Anarquista Italiana. Tivemos ações muito espetaculares por ocasião do congresso de Trieste, e Basaglia acabou com uma costela quebrada. Todos os caras do P.C.I. brigaram com os libertários porque esses últimos denunciavam pessoas de esquerda “cools e contestadores” que recuperaram a revolução em proveito próprio, sempre em detrimento dos psiquiatrizados do asilo, para colocá-los na fábrica. Não concordávamos com isso! Foi assim que nunca pudemos encontrar os partidos ou os sindicatos a não ser para denunciá-los.

Como aconteceram os encontros com os intelectuais?

No momento da prisão de Geismar, participei com um amigo, Serge Adam, que estava comigo na central de Caen, de uma manifestação onde se encontravam Vidal-Naquet, Domenach, Foucault, Mauriac, etc. Escutei o discurso deles, muito sofisticado. As siglas como

C.F.D.T., C.G.T., O.C.I., mao, trotskista, eram, tanto para meu amigo como para mim, muito pirantes: não compreendíamos nada. Então começamos a ler. ***De leitura em leitura, de discussão em discussão, pouco a pouco fundamentamos nossa reflexão.***

Tive o mesmo sentimento de estar “perdido” escutando a fala das meninas que diziam: “Para nós, você é um aliado objetivo, mas depois vamos te jogar fora.” Eu achava aquilo atordoante! Eu não tinha nunca estuprado ninguém, então por que elas falavam daquele jeito? Eu achava muito injusto!

Depois do G.I.P., do G.A.P. e do G.I.A. quando se começou a querer globalizar as lutas, Bakunin e Stirner me ajudaram a tomar consciência de que lutar contra os asilos e as prisões, era lutar contra os aparelhos de repressão do Estado, mas que isso não bastava. A partir desse instante, ***cada vez que realizávamos uma ação, pensávamos realmente que era uma insurreição!***

Ao menos isso permitia que as pessoas que vinham nos falar passassem a refletir. Foi assim que, dentre eles, encontravam-se associados da Federação Anarquista. Geralmente concordávamos com eles, mas penso que eles nos achavam marginais demais, insuficientemente estruturados.

De qualquer maneira, lutamos durante 10 anos, até esse famoso dia de 23 de maio de 1979, em que pensávamos que realmente a coisa tinha acontecido, que a população ia nos seguir. Nós acreditamos até ali, e em seguida nos deparamos com a desilusão.

A seguir eu organizei algumas ações das quais ninguém participou e acabamos por dissolver *Marge*. O G.A.P. foi fechado em 1980, quando compreendemos que nem todos os prisioneiros eram revolucionários, apesar de sua revolta e de seu discurso revolucionário potencial.

De fato, você, que não viveu 68, conseguiu perceber tudo que havia de positivo após o mês de maio, nas repercussões do movimento?

Sim, nós vivemos todos os impactos de maio de 68 durante 10 anos. Tentamos participar da transformação do tecido social, da evolução das mentalidades, da vida política e da mudança das correntes de pensamento na sociedade.

Você tem um sentimento de fracasso?

O desaparecimento das lutas e dos movimentos pode parecer decepcionante. Mas não tenho o sentimento de fracasso, porque tudo aquilo existiu. É capital que tudo aquilo tenha existido. E depois, ganhamos coisas essenciais como o direito de aborto para as mulheres. Hoje, as mocinhas dos subúrbios não se deixam insultar sem reagir. Nas prisões, os detentos têm agora rádio, jornais e mesmo televisão... Na saúde mental, nossas idéias foram aproveitadas pela psiquiatria de setor que permite que uma porção de pessoas que antigamente estavam hospitalizadas, sejam tratadas em ambulatório, o que de qualquer forma é melhor para elas do que ficar internadas por toda a vida. Não é a revolução, não é a abolição do Estado, mas são conquistas essenciais. Esses dez anos de luta foram de uma certa maneira os trabalhos práticos de 68. Eles permitiram muitas tomadas de consciência política e contribuíram para a criação de um potencial revolucionário que permanece profundamente impresso no tecido social. Esse potencial vai explodir no dia em que as lutas renascerem, mas num terreno inesperado, pois vai se tratar de uma outra época.

Maio de 68 foi uma porta aberta, ou melhor, entreaberta, uma porta que deveríamos empurrar para frente, que permitiu a liberação em muitos planos. É verdade, o mundo mudou, não estou inventando nada.

Não posso dizer que maio de 68 tenha me mudado, mas fiz coisas, naquele momento, tive um montão de vontades, trabalhei com os Zoo. Na época, também, havia contra mim uma espécie de sentença de morte pronunciada por um sujeito abominável de extrema direita, que se dizia de extrema esquerda: Jean-Edern Hallier.

Ele tinha dito que deveriam ir jogar paralelepípedos sobre o palco, contra Léo Ferré. Tinha começado em Lille, aliás não eram paralelepípedos, mas tira-fundos para fixar os trilhos de estradas de ferro. Nunca entendi porque, aquilo durou um dia todo, aparentemente porque eu dizia coisas que eles não sabiam dizer ou que não queriam escutar.

Hoje, com essas eleições,¹² dá vontade de vomitar, de vomitar o sentido da vida.

O que sobrou de 68?

Uma porta entreaberta, em 68 as pessoas tinham 20 anos, hoje [1988] elas têm 40, estão na vida, mas talvez tenham envelhecido mais rápido que os outros.

Maio de 68 — é Paul Castanier¹³ que encontrou a expressão que eu cito — “Maio de 68, ele dizia, é a revolta coletiva da inteligência”, e isso nunca tinha sido visto. Depois, as revoltas se foram, mas isso não tem importância, pois a revolução acontece, quaisquer que sejam os homens. Os homens passam, as idéias gerais ficam. Seria mais fácil se não houvesse essa maldita

televisão que estraga tudo. Quando as pessoas compram uma televisão, elas estão comprando um policial, e abrem suas casas para um policial. “Às 20 horas, a polícia fala com vocês”, hoje há seis canais, seis policiais que se revezam durante as 24 horas.

Em 68, acreditei no Papai Noel e os caras do 22 de março também, felizmente em 68 não existiam armas, pois com as armas é um drama.

* * *

tudo parte, tudo partirá da juventude

Paulo, na época operário na S.N.E.C.M.A., sempre acreditou na juventude. Em 68, tinha 36 anos, mas sentia-se suficientemente próximo dela, de seu impulso para transformar o mundo, para juntar-se às barricadas.

Eu estava no grupo Kropotkin da Federação Anarquista. Não éramos muito numerosos, mas pensávamos fazer alguma coisa: víamos claramente que na situação do gaulismo presente, do pós-gaulismo, haveria acontecimentos escabrosos.

Eis o que eu escrevia no Monde libertaire em Maio de 68: “... Atualmente, vemos que é difícil uma revolução sexual surgir através de um decreto: uma revolução nos costumes não se faz promulgando leis. As leis e regulamentos só são destruídos uma vez que o povo, em seu coração, em seus reflexos, tenha-os rejeitado...”

Naquele momento, era para dizer que o projeto de dar pílula às pessoas vinha de um R.P.R.: Neuwirth. Mas é preciso saber que deve-se a Prévotel, na Federação Anarquista, a iniciativa de traduzir e vender Reich: o sexólogo

bem conhecido, o austríaco, o dissidente do partido comunista do pré-guerra. Depois, os editores burgueses aproveitaram a onda e editaram Reich. Ganharam muita grana. Todos seus escritos eram discutidos na F.A.

Você poderia nos falar dos situacionistas? No que eles eram diferentes do pensamento anarquista tradicional?

Os situacionistas saíam do letrismo e do surrealismo. A Internacional situacionista existia há muito tempo. Esses situacionistas faziam uma crítica da “sociedade do espetáculo”. Eles faziam uma crítica do espetáculo, definiam o que ele era: tudo, para eles, tinha se tornado espetáculo, os partidos políticos, os manifestantes, etc. Eles afirmavam também que a F.A., com suas manifestações, tinha se tornado espetáculo. Na origem, seu alvo era o P.C.F., mas como eles não podiam entrar nele para dissolvê-lo começaram por querer dissolver a F.A. para que nos lançássemos ao ativismo. Assim, no congresso de Bordeaux, em 1967, os situacionistas proclamaram a dissolução da F.A.. Eles fizeram cartazes que colaram por toda Paris e no interior. Fomos vê-los, batemos muito “seriamente” em sua porta. Mas no fim, foram eles mesmos que se dissolveram. Para eles, era necessário dissolver os movimentos, as organizações tradicionais, para criar conselhos operários. Eles eram pelo espontaneísmo, e aliás, em seu manifesto, tinham copiado e edulcorado os escritos de juventude de Marx. Uma proporção bem grande da juventude juntou-se a eles. Era um truque para dissolver tudo. Nós mesmos, no grupo Kropotkin, fazíamos, às vezes, reuniões com um grupo situacionista de subúrbio: eles eram muito animados, nós não concordávamos com eles.

Tínhamos feito panfletos para que os anarquistas fossem favoráveis aos movimentos da juventude. Assim,

fizemos convocações para que houvesse manifestações na noite do show de Léo Ferré.¹⁴ Ele cantava a revolução nos palcos, os jovens, pelas ruas. Era o dia das barricadas: a bandeira negra do grupo Kropotkin foi abatida pela polícia no primeiro ataque. Estávamos recomeçando a revolução de 1848! Resistimos até as 6 horas da manhã, e foi junto com outros libertários que conseguimos agüentar. Depois do espetáculo, a multidão tinha se juntado às barricadas da rua Thouin.

Fomos dissolvidos pela polícia com granadas ofensivas. Se tivéssemos conseguido agüentar duas ou três horas a mais, Paris teria certamente ficado coberto de barricadas, e aquilo poderia realmente ter sido uma insurreição; as rádios estavam conosco.

Conte sobre o ambiente que reinava na sua empresa, sobre o sindicalismo de antes de 68.

Sim, havia mais sindicalizados mas eles eram “compradores de carteirinhas”, “coladores de selos”. Na metalurgia, o P.C.F. tinha uma presença extremamente repressiva. Dizer que Trotsky havia sido o fundador do exército vermelho era mal visto: respondiam que Trotsky nunca tinha feito nada na URSS! É preciso notar a coragem de uma organização como Luta Operária que distribuía panfletos nas empresas: esses panfletos que desmistificavam a atitude do P.C.F. fizeram avançar as idéias de Maio de 68 na classe operária.

Sem as mídias, 68 teria sido diferente?

É claro. Desde então o poder tenta se garantir. Vigia tudo isso de perto, a frequência F.M., por exemplo, é perfeitamente controlada. Só resta a Rádio-Libertária...

Na época, como hoje, quem detém o poder é aquele que detém a informação. Em 68, a informação nos era favorável, era inimaginável. A rádio *péripherique* estava saturada do gaullismo e via que nada daquilo se encaixava mais. Os jornalistas vinham para trás das barricadas buscar informação! Quando aconteceu o atentado contra Rudi Dutschke, em 11 de abril, o esquerdista alemão, éramos apenas quinhentos no Boulevard Saint-Michel, e se quinze dias depois éramos trezentos mil, animados de um formidável dinamismo, encabeçados pelos caras da F.A., os que fundaram em seguida a O.R.A., tudo isso foi trabalho das rádios.

O jornal *Combat* também era favorável à juventude. Havia um sujeito que escrevia os editoriais e que tinha freqüentado o movimento anarquista em sua juventude. Todo o pessoal da imprensa C.G.T. gastava tinta escrevendo sobre os *Combat* que saíam. Havia o confronto diário entre *L'Humanité* et *Combat*. Naquela época a imprensa era magnífica.

Se nas empresas não estava acontecendo muita coisa, como você explica que em seguida os operários saíram para as ruas?

Eles seguiram. Na empresa, na S.N.E.C.M.A., a equipe noturna era formada por jovens de diferentes sindicatos. Eles deixaram de lado os sindicatos, ocuparam a fábrica, rolaram barris em frente das portas. De manhã, quando os outros operários chegaram, a porta estava bloqueada, eles estavam na rua. Depois, houve uma assembléia geral, os sindicatos tinham dado a ordem de greve.

Em Grenelle, foi como em Yalta: nunca soubemos o que realmente aconteceu. Com certeza perguntaram a Séguy e a Descamps: “O que vocês querem fazer da França? É preciso que vocês represem a classe operária.”

Então, os governantes disseram às classes sindicais: “Parem com essa bagunça e nós vamos lhes dar aumentos e o reconhecimento da seção sindical na empresa, senão a coisa vai esquentar!” E eles aceitaram isso!

Mas não foi fácil fazer as pessoas voltarem ao trabalho. Poderíamos ter feito coisas maravilhosas se houvesse uma organização revolucionária como queríamos construir.

Daí a greve dura um mês!

Por vezes, mais do que isso. Nas empresas que não tinham visto nenhuma greve desde 1936, a classe operária mais profunda tinha sido tocada. Vimos, após esses acontecimentos, quatrocentos sujeitos da C.F.D.T. serem demitidos das empresas e que não conseguiam mais encontrar trabalho. É preciso dizer que muito rapidamente eles tinham partido para a autogestão, eles queriam recolher os frutos do movimento autogestionário que se desenvolveu em 68. Militantes eram marcados nas empresas. Na S.N.E.C.M.A. o dinheiro do comitê da empresa foi destinado para comprar café com leite e pão com manteiga; de manhã, camponeses distribuíam batatas para os mais desfavorecidos. Queríamos fazer entrar estudantes para que houvesse discussões. O P.C.F. e a C.G.T. opuseram-se energicamente a isso.

A C.G.T. e o P.C.F. não desejam a junção estudantes-operários. Por que os operários se deixaram convencer?

Era o fim do partido comunista, seu fim ideológico. Os estudantes eram porta-vozes das idéias trotskistas, anarquistas, situacionistas: era, portanto, o fim do P.C.F. com seu dogmatismo, no plano da história, dos escritos.

Quanto aos operários, foi por falta de cultura que eles se deixaram levar. Não existe mais cultura operária, a história do movimento operário é desconhecida pelos membros da classe operária.

A seguir, todos os políticos reapareceram. Em Chartély, Mendès-France veio dizer que tudo era possível, que íamos em direção a uma transformação social; os capitalistas nunca teriam permitido que Mendès-France fosse presidente da República! É falso!

E o movimento anarquista?

Os caras vendiam o *Monde Libertaire* que conseguiu ser publicado em duas páginas graças aos espanhóis. O pessoal do Livro — revolucionários! — só sustentavam a publicação de *l'Humanité!*

O movimento libertário teria podido ganhar terreno, mas não conseguiu por falta de dinheiro, por falta de militantes suficientemente abertos. O O.R.A. apareceu na Sorbonne: havia idéias generosas e um montão de sujeitos aderiram à O.R.A. na geléia geral de Maio de 68, meio marxista, meio situacionista. A Sorbonne era totalmente surrealista. Todo mundo escrevia, colava cartazes: era a imaginação, nem sempre a melhor, no poder. Havia uma enorme quantidade de grupelhos na Sorbonne, mas em Censier o que acontecia era mais sério.

Os comitês de ação reagrupavam todas as ideologias. A Liga, a Esquerda proletária, os maoístas, tentavam todos seduzir os militantes. Isso produzia uma certa *mixtureba*, mas eles todos tinham em comum o fato de terem adotado coisas que corriam na F.A.: a liberação sexual, o feminismo, a relação mulher/criança, etc. Os “maos espontex” deviam muito ao movimento anarquista. Mas sua estrutura marxista-leninista não podia per-

mitir o espontaneísmo, a revolução sexual! A coisa toda era bamba e eles explodiram. A autogestão e o marxismo-leninismo não combinam!

68 morreu na confusão das idéias. Não houve grandes pensadores. Marcuse, o filósofo americano, era um pouco esotérico. Quando ele veio a Paris, em maio de 68, ver seu amigo Waldeck-Rochet, não veio nem mesmo explicar suas idéias na Sorbonne.

Do lado anarquista, vimos acontecer manifestações esplêndidas. Um dia, levamos Lazarévitch¹⁵ ao hemiciclo da Sorbonne. O velho corretor anarquista falou contra a ditadura bolchevique, a sala toda estava de pé, ele era um orador atento, poderoso. Ele tinha que ser sustentado por dois amigos, pois estava doente. Ele falou à juventude contra o bolchevismo. Eu me disse: “Algo vai acontecer”.

Como esse período te marcou?

68 influenciou todo mundo. Não falamos mais como antes de 68. Era preciso ver a sociedade de antes de maio, com o gaullismo, no nível intelectual. É inimaginável como a vida sexual mudou. Foram as reivindicações individualistas¹⁶ que sobreviveram: o feminismo, a revolução sexual...

Foi um movimento internacional da juventude. Foi uma história demográfica, e os velhos anarquistas, vendo a proliferação de moleques, diziam: “Com todos esses loucos fazendo filhos, a sociedade vai ficar ingovernável.” Foi o que aconteceu.

Era importante. É o que me resta de minha juventude, porque eu ainda era bastante jovem em 1968: eu tinha 36 anos e convivia com os jovens. Tudo parte e tudo partirá da juventude. Todo movimento social sai da juventude.

* * *

Tradução do francês por Martha Gambini.

Notas

- ¹ Esta e as demais siglas estão elencadas no final do dossiê.
- ² Jornal saído da Resistência..., o de Albert Camus! Em 1968, muito aberto ao movimento de Maio, *Combat* editava o jornal dos estudantes *Action* o que provovou a fúria do Sindicato do livro C.G.T..
- ³ Jornal dos estudantes.
- ⁴ A C.G.T. agiu da mesma forma nas garagens de ônibus e em outros lugares.
- ⁵ Jornal semanal satírico francês, criado em 1960. (N.T.)
- ⁶ Animado pelo doutor Carpentier.
- ⁷ Coordenação de anarco-sindicalistas.
- ⁸ Citação de Bakunin.
- ⁹ Gisèle Halimi, advogada franco-tunisianiana, nascida em 1927, ativista feminista e ensaísta. (N.T.)
- ¹⁰ Evelyne Sullerot, socióloga francesa nascida em 1924, co-fundadora do Planning Familiar e, durante 15 anos, membro do Alto Conselho Europeu da População e da Família. (N.T.)
- ¹¹ O manifesto de 343 mulheres que gritavam alto e forte que tinham abortado, em torno do processo de Bobigny.
- ¹² O encontro com Léo Ferré aconteceu em 8 de maio de 68, no dia da eleição presidencial.
- ¹³ Pianista que acompanhava Léo Ferré em seus espetáculos.
- ¹⁴ Em 10 de maio de 68, a famosa noite das barricadas, também a noite do espetáculo anual da Federação Anarquista.
- ¹⁵ Lazarévitch, militante anarquista cujos artigos publicados na revista sindicalista: *La Révolution prolétarienne* foram reunidos em *A travers les révolutions espagnoles*, sob a assinatura de L. Nicolas.
- ¹⁶ Anarquista de tipo individualista.

Relação de siglas:

- A.J.S. — Aliança dos Jovens pelo Socialismo
C.A.P. — Comitê de Ação dos Prisioneiros
C.F.D.T. — Confederação Francesa Democrática do Trabalho
C.G.T. — Confederação Geral dos Trabalhadores
C.L.E.O. — Comitê de Ligação Estudantes-Operários
F.A. — Internacional das Federações Anarquistas (também referido como IFA)
F.H.A.R. — Frente Homossexual de Ação Revolucionária
G.I.A. — Grupo de Informação sobre os Asilos
G.I.P. — Grupo de Informação sobre as Prisões
G.L.H. — Grupo de Liberação Homossexual
J.C.R. — Juventude Comunista Revolucionária
J.O.C. — Juventude Trabalhadora Cristã
M.L.A.C. — Movimento de Liberação do Aborto e da Contracepção
M.L.F. — Movimento de Liberação das Mulheres
MARGE — Grupo Anarquista fundado em Paris, em 1974, por Jacques Lesage de La Haye.
O.C.I. — Organização Comunista Internacionalista
O.R.A. — Organização Revolucionária Anarquista
O.R.T.F. — Órgão de Radiodifusão – Televisão Francesa
P.C.F. — Partido Comunista Francês
P.C.I. — Partido Comunista Italiano
P.S. — Partido Socialista
Q.H.S. — Bairro de Alta Segurança
R.P.R. — Reunião pela República

Dossiê 1968

S.N.E.C.M.A. — Sociedade Nacional de Estudo e Construção de
Motores de Aviação

S.N.E.S.U.P. — Sindicato Nacional de Ensino Superior de Geismar

Indicado para publicação em 1 de setembro de 2007.